

INDICADORES SOCIOLINGÜÍSTICOS DO INVENTÁRIO NACIONAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: O PERFIL DOS USUÁRIOS E A QUESTÃO DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

Bruna Crescêncio Neves (IFSC Palhoça Bilíngue)
Ronice Müller de Quadros (UFSC)

Resumo: Esta pesquisa apresenta os indicadores sociolinguísticos da Língua Brasileira de Sinais coletados através do Inventário Nacional da Libras, projeto que está sendo desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o IPOL (Instituto de Políticas Linguísticas) como parte integrante do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL), do Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os dados apresentados nesse estudo foram coletados por meio de dois questionários (1. Ouvintes e 2. Surdos) *on-line* (Formulários *Google*) para alcançar um número significativo de falantes da língua e considerar as especificidades dos dois grupos. Os resultados obtidos nessa parte da pesquisa contribuem para a difusão, visibilidade, valorização e instrumentalização de políticas linguísticas concernentes à Língua Brasileira de Sinais e refletem as ações realizadas nos últimos anos em todo o território brasileiro, especialmente, em relação à formação profissional de surdos e ouvintes e a disseminação da língua de sinais. Além disso, os dados trazem à tona questões essenciais relacionadas à expressão e transmissão dessa língua, em virtude dos diferentes contextos e períodos de aquisição da linguagem pelos usuários surdos.

Palavras-chave: Inventário. Libras. Indicadores Sociolinguísticos.

1. Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um dos meios de interação social, cultural e científica da comunidade surda brasileira, utilizada pelos surdos em diferentes contextos interacionais. Desde o reconhecimento legal dessa língua por meio da Lei 10.436/2002 e Decreto 5626/2005, as pesquisas e avanços nas políticas linguísticas têm ocorrido gradativamente e alcançado visibilidade em todo território nacional, inclusive com a inclusão da Língua Brasileira de Sinais no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instituído através do Decreto 7.387/2002, o qual tem como objetivo principal a identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos

Dessa forma, surge a proposta de desenvolver um Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais a partir de um projeto de pesquisa que está sendo implementado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o Instituto e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) e com o financiamento do IPHAN. O referido projeto abarca duas frentes de trabalho, uma de abrangência nacional e outra local. Em nível nacional, está

sendo constituído um acervo linguístico da Libras com amostras de materiais produzidos por usuários da Língua Brasileira de Sinais e, também, realizou-se uma coleta de indicadores sociolinguísticos parciais relativos aos falantes dessa língua. Em nível local, foi desenvolvida a complementação do acervo linguístico da Libras na região metropolitana da Grande Florianópolis¹, através da coleta detalhada de indicadores sociolinguísticos. Neste trabalho, serão apresentados os principais resultados referentes à coleta nacional dos indicadores sociolinguísticos.

2. Indicadores sociolinguísticos: a coleta de dados em nível nacional

Para alcançar os objetivos propostos na constituição do Inventário Nacional da Libras, o projeto de pesquisa desenvolveu diferentes ações e estratégias para documentação e coleta de dados da língua de sinais e de seus usuários, dentre elas, a aplicação de um questionário a nível nacional para mapeamento e indicadores sociolinguísticos desses falantes. De acordo com o guia de pesquisa e documentação, elaborado para nortear a constituição dos inventários, o questionário é uma ferramenta essencial para identificação dos falantes da língua e pode abarcar perguntas sobre: as línguas que as pessoas falam; a aquisição da língua; a aferição da proficiência dos indivíduos; às línguas mais utilizadas (se forem bilíngues ou multilíngues); os contextos sociais de uso da língua; a alfabetização; às atitudes para com as diferentes línguas: a ascendência; ao sexo (feminino/masculino); a residência e família; a escolaridade; a profissão e classe socioeconômica (IPHAN, 2016).

Partindo disso, foram elaborados dois questionários (1. Ouvintes e 2. Surdos) *on-line* (Formulários *Google*) para atender às especificidades dos dois grupos de usuários da Língua Brasileira de Sinais. Esses questionários foram gravados em língua de sinais por uma equipe formada por professores surdos, intérpretes e professores bilíngues. Tais instrumentos apresentam diferenças quanto à organização e perguntas realizadas, uma vez que os dois grupos de falantes se distinguem quanto à aquisição, uso da língua e outros aspectos. Em um primeiro momento, ao terem acesso ao questionário, todos os participantes se deparavam com uma página inicial com dois vídeos em Libras, onde havia uma breve explicação sobre o projeto e o

¹ O Inventário de Libras de Santa Catarina da Região Metropolitana de Florianópolis foi idealizado com o intuito de constituir um corpus da Libras abrangente e consistente, por meio da coleta de dados com surdos da região metropolitana de Florianópolis. O referido projeto desenvolve-se sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros desde 2014, com o financiamento do CNPQ.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido². É importante ressaltar que o objetivo foi oferecer um instrumento para os falantes da Libras e, por esse motivo, a primeira parte foi toda nessa língua.



Figura 1. Layout do questionário

Após a finalização do instrumento, iniciamos a divulgação dos questionários em eventos da área, contatos por *e-mail*, redes sociais, nas coletas de dados e na formação dos Surdos de Referência. A coleta de dados por meio dos questionários foi iniciada em novembro de 2016 e finalizada em julho de 2017, contando com a participação de 2352 pessoas (861 surdos e 1491 ouvintes).

3. Indicadores sociolinguísticos: principais resultados

Neste trabalho, apresentamos os principais indicadores sociolinguísticos dos usuários da Língua Brasileira de Sinais, especialmente os dados referentes à caracterização dos falantes dessa língua e ao contexto de aquisição/aprendizagem da língua de sinais³.

Os resultados correspondem a uma pequena amostra dos usuários da Libras e apontam um perfil das pessoas que usam essa língua em diferentes regiões do país. De acordo com os

² O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi disponibilizado em Libras para todos os participantes e esclarece as questões relacionadas à pesquisa.

³ O resultado completo estará disponível na publicação final do Inventário Nacional da Libras.

dados coletados, dos 861 usuários surdos, 452 são mulheres (52%) e 409 são homens (48%). Diferente dos surdos, há uma predominância de mulheres na pesquisa realizada com os usuários ouvintes, cerca de 76% dos participantes. É interessante destacar que esse grupo de usuários da Língua Brasileira de Sinais é composto principalmente por familiares, filhos de pais surdos (Codas) e profissionais da educação (tradutores/intérpretes e professores). Esse resultado relaciona-se ao papel da mãe no contexto familiar como usuária da língua de sinais e do espaço ocupado pelas mulheres na educação brasileira.

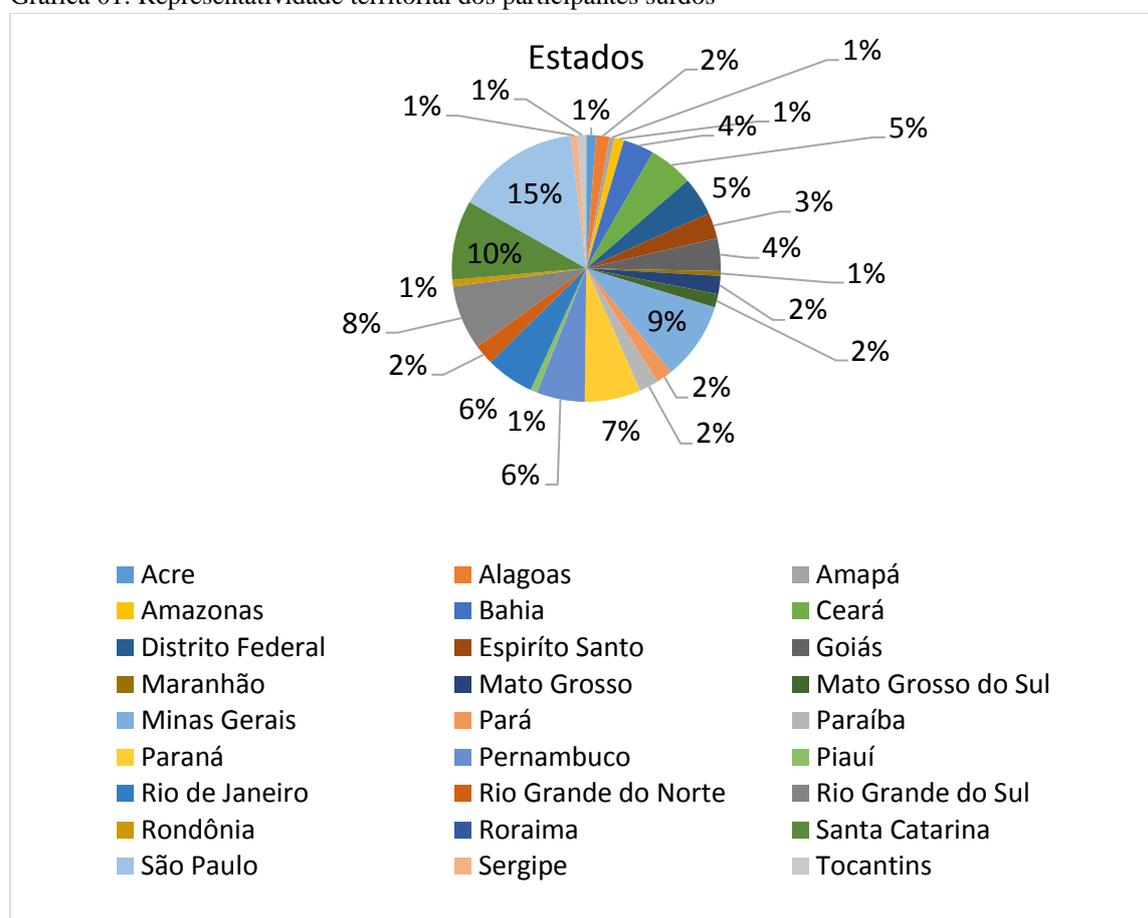
Os dois grupos de usuários da Língua Brasileira de Sinais apresentam pequenas diferenças quanto à média de faixa etária dos falantes. Dos participantes surdos, 40% estão na faixa entre os 19 e 29 anos de idade. Entre 30 e 39 anos, temos 36% dos participantes surdos e 13% com idade entre 40 e 49 anos. Apenas 5% dos falantes têm mais de 50 anos e 1% tem até 18 anos de idade. O baixo número de participantes com idade inferior a 18 anos está relacionado ao contexto de aplicação do questionário e ao perfil dos participantes. Além disso, 5% dos surdos não informaram a sua faixa etária. Esses indicadores mostram que 89% dos usuários da Língua Brasileira de Sinais são jovens e adultos com idade entre 19 e 49 anos.

Entre os participantes ouvintes, cerca de 35% dos usuários da Língua Brasileira de Sinais encontram-se na faixa etária entre 30 e 39 anos. Entre 19 e 29 anos, temos 27% dos ouvintes, 19% com idade entre 40 a 49 anos e, somente 9% com mais de 50 anos. Também há 9% dos participantes que não apresentaram essa informação e 1% com idade até 18 anos. Da mesma forma, o baixo número de usuários com idade inferior a 18 anos justifica-se pelo contexto de aplicação dos questionários. Assim como os participantes surdos, há uma maior concentração de usuários ouvintes na faixa etária entre 19 e 49 anos, cerca de 81%.

O questionário foi aplicado em todo o território nacional com o objetivo de obter uma amostra dos usuários surdos nas diferentes regiões brasileiras. Esse propósito foi alcançado, pois apenas um estado não teve participantes na pesquisa – Roraima. As regiões Sul (25%) e Sudeste (33%) somaram os maiores percentuais no que se refere aos usuários surdos da Língua Brasileira de Sinais que responderam ao questionário. Tal resultado pode estar relacionado com a participação ativa da comunidade e movimentos surdos nessas regiões, as quais foram protagonistas em diferentes ações voltadas aos direitos dos surdos, como o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais através da Lei nº10.436/2002. Além disso, os estados da região Sul e Sudeste possuem as mais tradicionais escolas bilíngues para surdos (Concórdia, Escola Helen Keller, Escola Frei Pacífico, Centro de Educação para Surdos Rio Branco), a primeira instituição de surdos – Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o primeiro Instituto Federal de Educação Profissional voltado para a educação de surdos e formação de profissionais

na área educacional e tecnológica – Instituto Federal de Santa Catarina Câmpus Palhoça Bilingue e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), entidade filantrópica com finalidade sociocultural, assistencial e educacional, no Rio de Janeiro. É da região Sul, especificamente, da Universidade Federal de Santa Catarina, o primeiro curso de Letras Libras (Bacharelado e Licenciatura) nas modalidades a distância e presencial e que hoje está sendo implementado em todo o Brasil. Todos esses fatores parecem justificar os resultados obtidos no questionário, haja vista a concentração e participação ativa dos surdos nesses estados. A região Nordeste (23%) também obteve uma representatividade significativa, seguida pela região Centro Oeste (13%) e Região Norte (6%).

Gráfica 01: Representatividade territorial dos participantes surdos

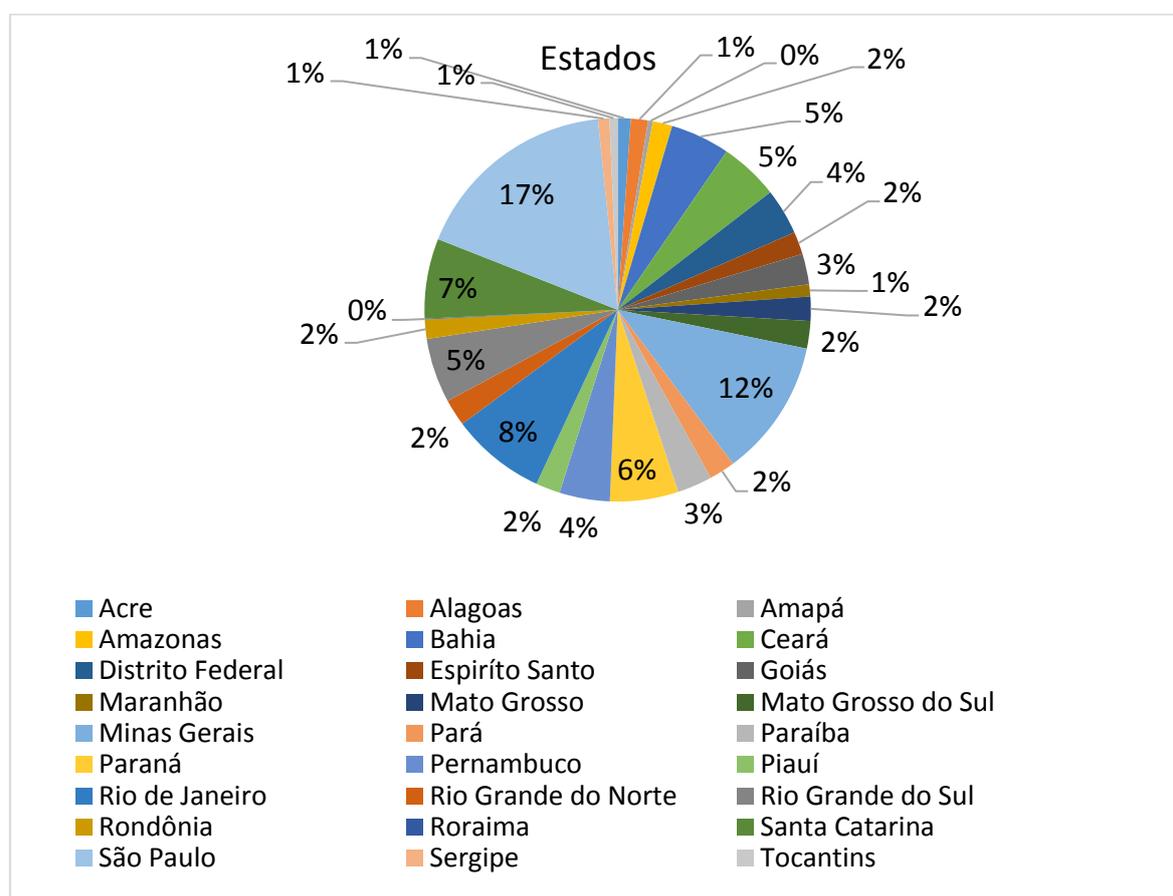


Fonte: Dados primários

O questionário aplicado aos usuários ouvintes alcançou também participantes em todo o território brasileiro. Os dados encontrados são similares aos resultados dos usuários surdos e trazem a região Sudeste com o maior percentual de participantes (39%). Os usuários ouvintes são, em sua maioria, familiares e profissionais (intérpretes e professores) e, por isso, a ampla participação da região Sudeste associa-se ao envolvimento da comunidade surda frente às

causas surdas, sejam elas de cunho educacional ou social. Dentre as atividades marcantes dessa região, pode-se citar: a) o I Encontro Nacional de Intérpretes organizado pela FENEIS no Rio de Janeiro em 1988 (MASUTTI e SANTOS, 2008); b) os primeiros cursos de formação e capacitação dos profissionais promovidos pela FENEIS e INES (ANATER e PASSOS, 2010) e c) fundação da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), em 2008 com sede em Belo Horizonte (MG). A Região Nordeste obteve 21% de participação dos usuários ouvintes, seguida pela Região Sul com 18%. A Região Centro Oeste e a Região Norte tiveram 11% de usuários ouvintes cada uma.

Gráfico 02: Representatividade territorial dos participantes ouvintes



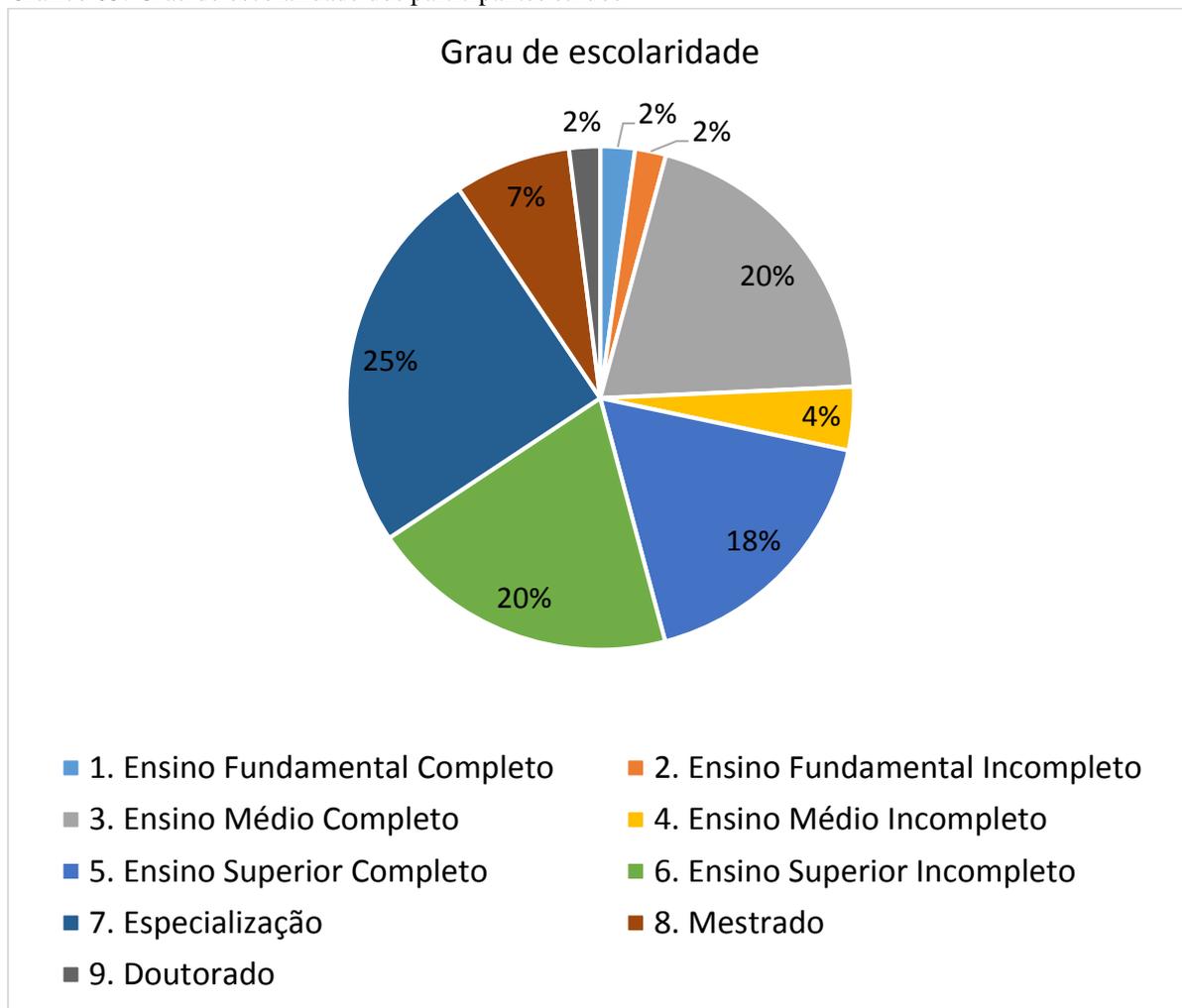
Fonte: Dados primários

É importante lembrar que a presente pesquisa traz um recorte da comunidade surda brasileira e, portanto, os dados aqui apresentados são concernentes à essa parcela de participantes. A divulgação do questionário contou com o apoio dos surdos de referência e dos pesquisadores surdos presentes em diferentes instituições brasileiras, o que pode ter impactado diretamente nos resultados referentes ao grau de escolaridade dos falantes da Língua Brasileira

de Sinais. Mesmo diante das variáveis citadas acima, esses dados representam a comunidade surda brasileira atual que se caracteriza pelo protagonismo dos surdos na conquista do seu espaço no ensino superior, prova disso são os resultados que indicam 52% dos participantes surdos formados no ensino superior – graduação e pós-graduação e 20% dos surdos estão cursando a graduação. Dos 52% participantes surdos mencionados anteriormente, 18% possuem ensino superior completo, 25% têm especialização, 7% são mestres e 2% são doutores. De acordo com Quadros e Stumpf (2014), o ingresso dos surdos no ensino superior teve um crescimento de 75% entre os anos de 2002 (344 alunos matriculados) e 2005 (2428 alunos matriculados). Segundo as autoras, esse aumento está relacionado à Lei nº10436 de 2002, a qual dispõe sobre o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais.

Grande parte dos surdos participantes da pesquisa está inserido no ensino superior, mas, além desses, há 2% que possuem Ensino Fundamental Completo, 2% que ainda não concluíram o Ensino Fundamental, 4% de surdos com Ensino Médio Incompleto e 20% com Ensino Médio Completo. Esses dados são positivos no que se refere ao grau de escolaridade dos surdos brasileiros, pois diferem dos resultados divulgados pelo IBGE (2000) e INEP (2006), os quais indicavam que 91,07% dos surdos não faziam parte do ensino brasileiro (QUADROS e STUMPF, 2014).

Gráfico 03: Grau de escolaridade dos participantes surdos

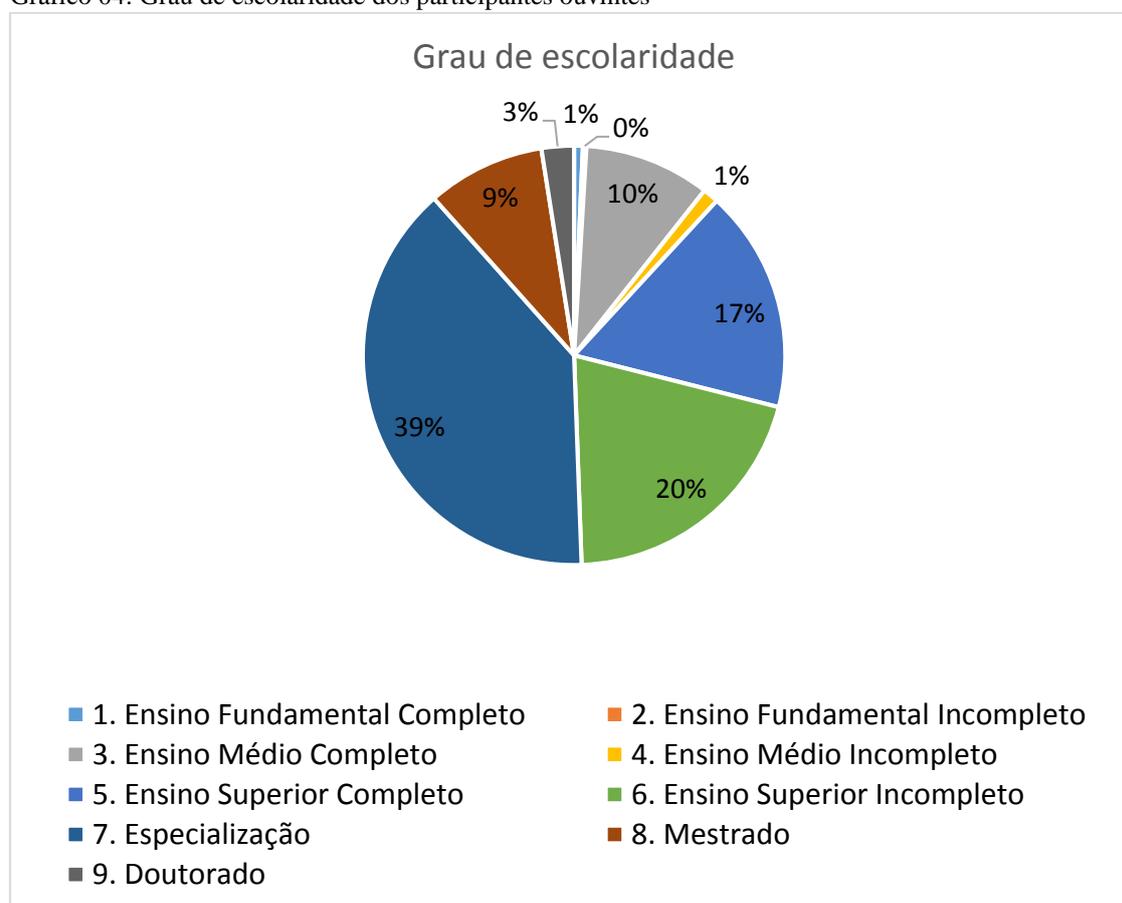


Fonte: Dados primários

Os usuários ouvintes participantes da pesquisa apresentam, em sua maioria, formação superior nos diferentes níveis: 17% possuem ensino superior completo, 20% ainda não concluíram o ensino superior; 39% têm especialização; 9% são mestres e 3% são doutores. Diante disso, 88% dos participantes estão inseridos no contexto da educação superior e esse alto número de usuários ouvintes nesse espaço pode estar relacionado à inserção da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério e nos cursos de Fonaudiologia, a partir do Decreto nº5626/2005 e à visibilidade alcançada desde o reconhecimento dessa língua como meio de comunicação da comunidade surda brasileira por meio da Lei nº10436/2002.

Uma pequena parcela dos ouvintes não está inserida no contexto mencionado anteriormente, sendo que desses, 10% possuem ensino médio completo, 1% ainda não concluiu o ensino médio e 1% possui ensino fundamental completo. Esse fato pode ser decorrência do nível de abrangência da pesquisa, uma vez que o espaço acadêmico teve maior divulgação do estudo realizado. Por outro lado, tais dados podem indicar que a maior concentração de pessoas ouvintes usuárias da Língua Brasileira de Sinais estejam no ensino superior e no meio profissional, de forma geral.

Gráfico 04: Grau de escolaridade dos participantes ouvintes



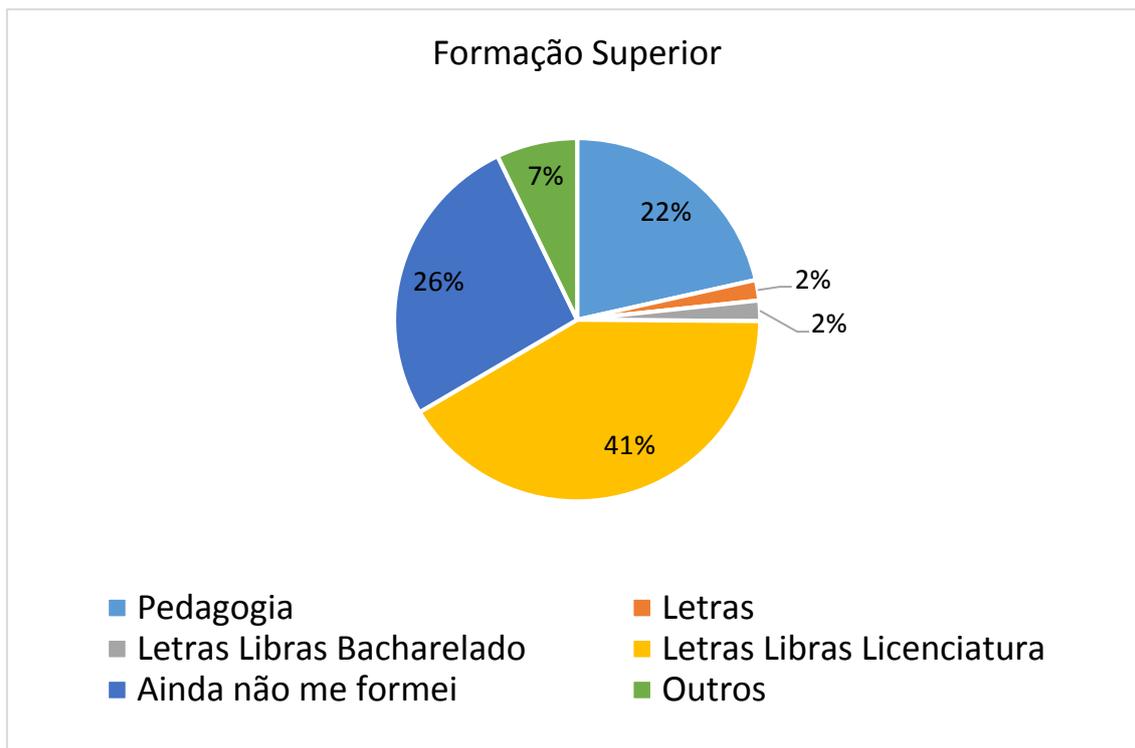
Fonte: Dados primários

Conforme apresentado na questão anterior, grande parte dos surdos participantes da pesquisa possui formação superior, incluindo a graduação e a pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. A predominância de surdos formados em Letras Libras (Licenciatura), cerca de 41% dos integrantes desse estudo, reflete as iniciativas provenientes do engajamento da comunidade surda e acadêmica. A publicação do Decreto nº5626/2005 trouxe a obrigatoriedade de formação superior de docentes para o ensino de Libras em curso de licenciatura plena em Letras Libras e a prioridade das pessoas surdas nessa formação, o que subsidiou a criação dos primeiros cursos

de Letras Libras – Licenciatura e Bacharelado - ofertados na modalidade a distância em 16 estados do país. Conforme Quadros e Stumpf (2014, p. 10), esses cursos foram ofertados pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), “como projeto especial com aporte financeiro da Secretaria de Educação Especial (SEAD) e Secretaria de Educação Especial (SEESP) do MEC em 2006 e da CAPES, a partir de 2009”. A primeira turma formou em 2010, um total de 389 alunos licenciados e em 2012, 312 bacharéis e 378 licenciados. Esse projeto inicial teve continuidade com a implantação dos cursos presenciais de Letras Libras em diferentes estados do Brasil.

O curso de Pedagogia foi a segunda formação superior com maior número dos participantes da pesquisa, 22% dos usuários surdos. O curso de Letras Libras é recente, mas, antes disso, muitos surdos buscaram a formação acadêmica na área da educação através dos cursos de Pedagogia. Antes mesmo da publicação do Decreto nº5626/2005 que traz diretrizes acerca da formação de profissionais para atuação na educação de surdos, ocorreu uma oferta no ano de 2002, do Curso de Pedagogia a Distância para surdos na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em parceria com associações de surdos da região e outras instituições. Além do grande número de surdos nos cursos de Letras Libras e Pedagogia, há um porcentagem alta de surdos que estão cursando o ensino superior, cerca de 26% dos participantes. Uma pequena parcela dos usuários – 7% - declarou ter se formado em outros cursos, sendo os principais: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Design Gráfico, Psicologia, Fisioterapia, Ciência da Computação, Artes Visuais, Educação Física, Ciências Contábeis, Comunicação Social, Sistemas de Informação, entre outros. Também, 2% dos participantes possuem formação superior em Letras Libras Bacharelado e outros 2% em Letras.

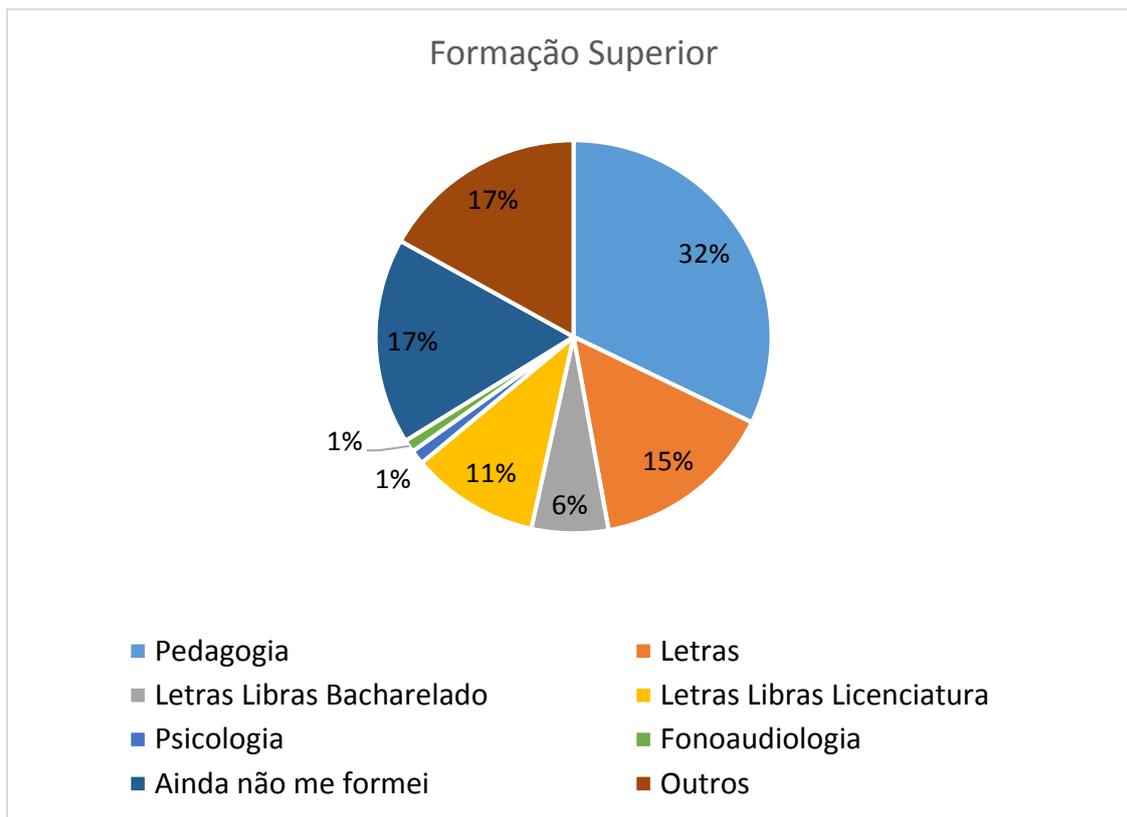
Gráfico 05: Formação superior dos participantes surdos



Fonte: Dados primários

A formação acadêmica dos participantes surdos está fortemente relacionada aos avanços na educação de surdos ocorrido nos últimos anos. Conforme vimos, as políticas linguísticas e educacionais favoreceram a inserção do surdo no ensino superior, haja vista o grande número de surdos egressos do curso de Letras Libras – Licenciatura. Apesar de muitos ouvintes estarem diretamente ligados a esse processo, especialmente, no que se refere à formação de tradutores e intérpretes, houve nessa pesquisa uma predominância de ouvintes usuários da Libras formados em Pedagogia, cerca de 32% dos participantes. Uma parcela dos participantes declarou que ainda está cursando o ensino superior e outros 17% afirmaram ter se formado em outros cursos, como: Biologia, Administração, Direito, História, Serviço Social, Jornalismo, Enfermagem, Matemática, Geografia, Educação Física, Sistemas de Informação, entre outros. Além dos cursos mencionados, um grande número de usuários ouvintes declarou ter formação superior em Letras (15%), Letras Libras Licenciatura (11%), Letras Libras Bacharelado (6%), Psicologia (1%) e Fonoaudiologia (1%).

Gráfico 06: Formação superior dos participantes ouvintes



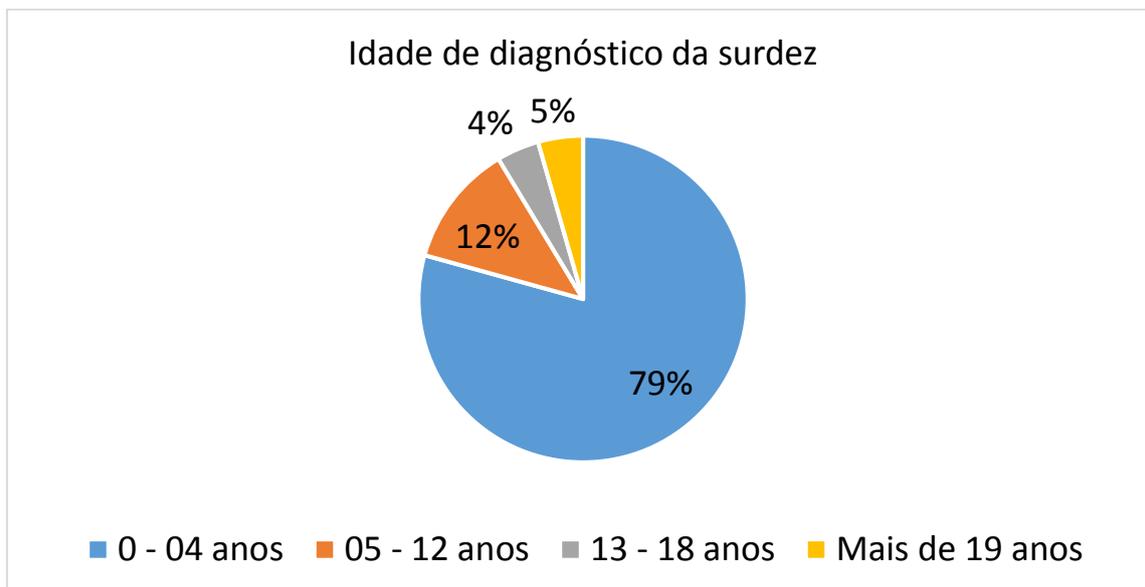
Fonte: Dados primários

Além dos dados relacionados ao perfil dos usuários da Língua Brasileira de Sinais, este artigo traz os resultados principais concernentes à aquisição/aprendizagem dessa língua pelos sujeitos surdos e ouvintes.

A questão da aquisição da linguagem por crianças surdas é de extrema importância para a difusão da língua de sinais e, principalmente, para o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico dos sujeitos surdos. O primeiro passo nesse processo de promoção do acesso à língua de sinais desde a mais tenra idade é o diagnóstico precoce da surdez. De acordo com as recomendações de especialistas, “é necessário avaliar as condições de todas as crianças ao nascimento ou no máximo até os três meses de idade sendo que, no caso de deficiência auditiva confirmada, receber intervenção educacional até os seis meses” (ISAAC e MAFREDI, 2005, p. 238). Segundo Sígolo e Lacerda (2011), a idade média da confirmação do diagnóstico da surdez acontece por volta de 4 anos e 3 meses e isso pode trazer implicações para a aquisição da linguagem.

Na presente pesquisa, 79% dos participantes surdos foram diagnosticados até os 04 anos de idade, 12% descobriram a surdez entre os 05 e 12 anos de idade, 4% entre os 13 e 18 anos e 5% com mais de 19 anos.

Gráfico 07: Idade de diagnóstico da surdez



Fonte: Dados primários

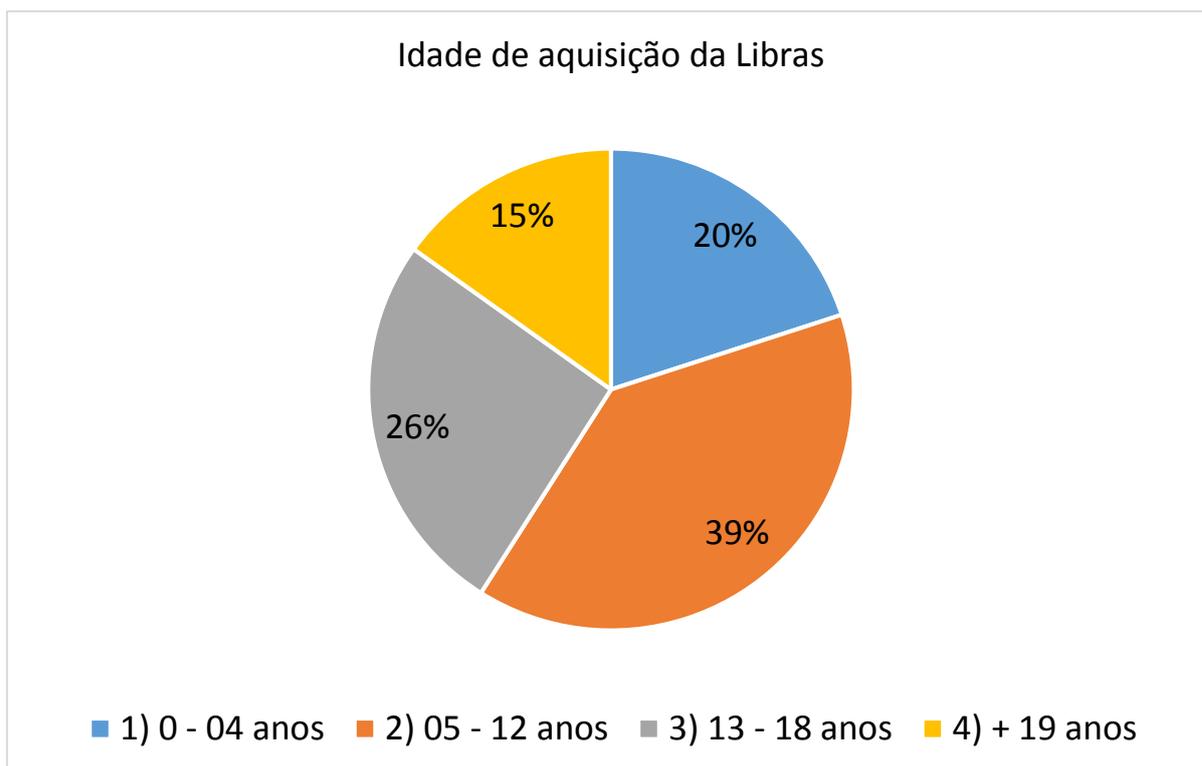
Desde a década de 90, muitos pesquisadores (PETITTO; MARENTETTE, 1991; KARNOPP, 1994; QUADROS, 1997) buscam compreender o desenvolvimento da aquisição da linguagem por crianças surdas e quais as consequências que o acesso tardio à língua de sinais pode ocasionar para esses sujeitos. De modo geral, os estudos têm demonstrado que a criança surda passa por estágios de aquisição semelhantes aos ouvintes quando possuem contato com a língua de sinais desde a mais tenra idade. No entanto, essa não é a realidade para maior parte dos surdos, pois eles estão inseridos em famílias ouvintes e contextos que não compartilham e não preconizam o uso da língua de sinais.

O resultado dos dados coletados quanto à idade de aquisição da língua é preocupante, pois 80% dos surdos declararam que a aquisição da Língua Brasileira de Sinais ocorreu após os quatro anos de idade, período considerado tardio para o desenvolvimento da linguagem. É interessante retomar o resultado da pergunta sobre a idade de diagnóstico da surdez, o qual indica que 79% dos participantes foram diagnosticados surdos até os quatro anos. Essa informação indica que mesmo com o acompanhamento e a descoberta da surdez nos primeiros anos de vida, a maior parte dos surdos não está tendo acesso à língua de sinais nesse período crucial, talvez por desconhecimento da família ou por encaminhamentos a outras terapias e

tratamentos que não priorizam a Libras como primeira língua das crianças surdas. Além do mais, o fato dos surdos nascerem, predominantemente, em famílias ouvintes pode ser um motivador para esse atraso na aquisição, pois a língua compartilhada no ambiente familiar não é a mesma da criança surda. O Decreto nº 5626/2005 apresenta orientações acerca dos direitos dos surdos ao atendimento e assistência à saúde, incluindo a realização de diagnóstico, atendimento precoce e do encaminhamento para a área de educação e orientações para a família sobre a importância da criança surda ter acesso à Libras desde o seu nascimento.

A maior parte dos usuários surdos declarou ter desenvolvido a aquisição da linguagem dos 05 aos 12 anos de idade (39%), enquanto 26% tiveram acesso entre os 13 e 18 anos e 15% declaram ter adquirido a linguagem após os 19 anos. Apenas 20% dos participantes afirmaram ter desenvolvido a aquisição da língua de sinais no período considerado ideal, dos 0 aos 04 anos de idade.

Gráfico 08: Idade de aquisição da Libras



Fonte: Dados primários

Conforme mencionado na pergunta anterior, 80% dos surdos tiveram acesso à língua de sinais após os quatro anos de idade e, desse número, 65% desenvolveram a aquisição da linguagem entre os 05 e 18 anos, isto é, na idade escolar. Quando questionados sobre o contexto que tiveram contato com a Libras, a maior parte dos participantes (44%) declarou ter adquirido a língua de sinais na escola e tal dado ratifica a importância desse contexto para o desenvolvimento linguístico dos sujeitos surdos. As políticas educacionais e linguísticas colaboram para que o ambiente escolar seja um lugar onde as pessoas surdas possam ter garantidos seus direitos linguísticos através do acesso à educação em sua primeira língua. A Lei nº10.436/2002, o Decreto nº 5626/2005 e o Plano Nacional de Educação (Lei nº13.005/2014) são alguns dos documentos legais que apresentam diretrizes sobre uma educação para surdos pautada na Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e na Língua Portuguesa – modalidade escrita – como segunda língua, além da garantia de profissionais capacitados para atuação nesse espaço, como os intérpretes, professores bilíngues e professores de Libras. Por tais motivos, o contexto escolar vem se destacando como um espaço fundamental de propagação da língua de sinais entre os sujeitos surdos e também entre os ouvintes.

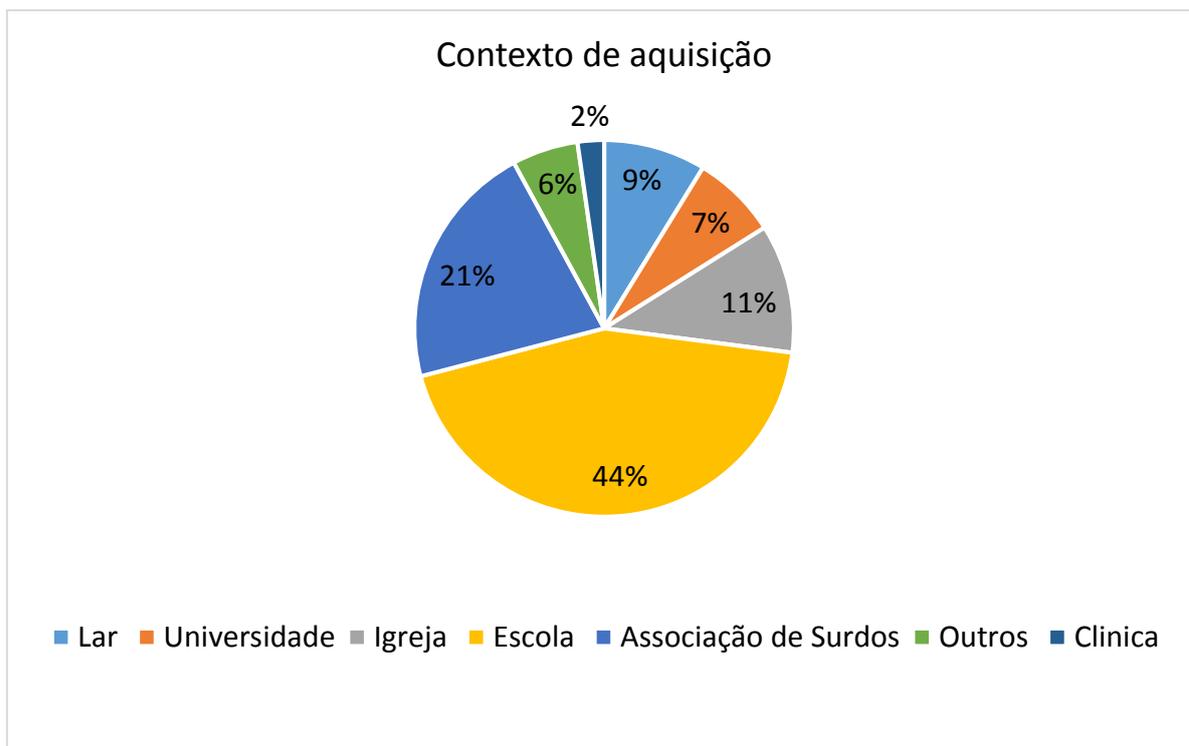
Um outro espaço de contato com os pares surdos e acesso à língua de sinais são as associações de surdos, local onde 21% dos participantes dessa pesquisa tiveram contato com a

Libras. As associações de surdos estão presentes em todas as regiões do país e fazem um trabalho de difusão da Língua Brasileira de Sinais e de orientação aos surdos antes mesmo do reconhecimento legal dessa língua como forma de comunicação das pessoas surdas. Por esse motivo, conforme indicado nessa pesquisa, as associações destacam-se como um dos principais espaços de interação dos surdos com seus pares.

As igrejas também aparecem como um contexto de acesso e desenvolvimento da língua de sinais, onde 11% dos participantes afirmaram terem tido o primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais. A universidade surge como o espaço de aquisição para 7% dos surdos que participaram dessa pesquisa e deve se enquadrar em alguns dos 15% de surdos que tiveram acesso à língua de sinais após os 18 anos de idade. Além desses locais, 2% afirmaram terem desenvolvido a língua de sinais em clínicas, por meio do atendimento especializado e 6% apresentaram outros contextos de aquisição, como o contato com amigos surdos e instituições de ensino que ofertavam cursos de Libras.

Um dos mais importantes contextos de aquisição da linguagem é o lar, espaço de interação entre familiares e o mais propício para o desenvolvimento linguístico desde a mais tenra idade. No entanto, apenas 7% dos usuários surdos declararam ter acesso à língua de sinais no ambiente familiar e, provavelmente, são aqueles que possuem familiares/ pais surdos que usam naturalmente essa língua com seus filhos. Esse fato é preocupante e mostra que mesmo diante dos avanços no que se refere ao reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais há ainda muito desconhecimento por parte dos pais acerca dos benefícios que o acesso à linguagem desde os primeiros anos de vida pode trazer aos sujeitos surdos. A não existência de uma língua compartilhada entre filhos e pais surdos no contexto familiar é uma realidade singular da comunidade surda e que pode acarretar prejuízos no desenvolvimento cognitivo, social e linguístico desses sujeitos. Os dados apresentados na pesquisa indicam que 91% dos surdos tiveram contato com a língua de sinais em outros espaços e esse resultado justifica, inclusive, o grande número de aquisição tardia – ocorrida depois dos quatro anos de idade.

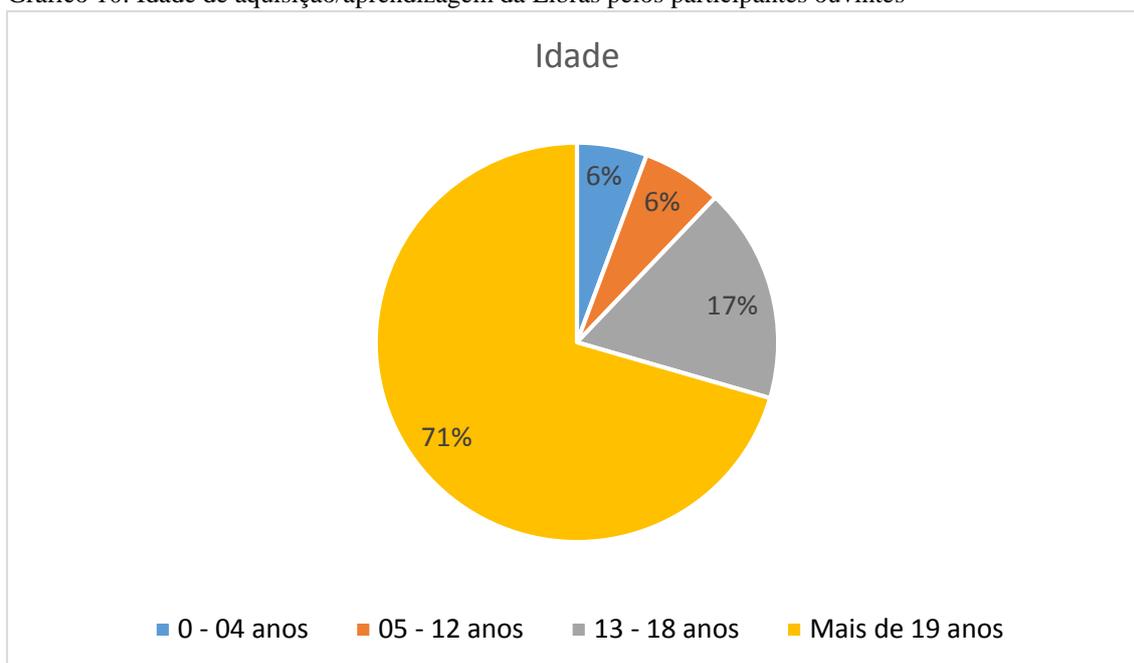
Gráfico 09: Contextos de aquisição da Língua Brasileira de Sinais



Fonte: Dados primários

Os ouvintes compõem uma parcela significativa dos usuários da Língua Brasileira de Sinais e possuem um papel fundamental na propagação dessa língua. No entanto, o processo de aquisição/aprendizagem desse grupo diferencia-se dos usuários surdos, especialmente por se tratar de uma segunda língua. Um dos indicativos dessa peculiaridade pode ser percebido na idade de aquisição/aprendizagem da Libras pelos sujeitos ouvintes, que ocorreu para 71% dos participantes após os 19 anos de idade. Cerca de 17% afirmou ter aprendido a Libras entre os 13 e 18 anos, 6% tiveram seu primeiro contato entre os 05 e 12 anos e 6% desenvolveram a aquisição da língua de sinais nos primeiros anos de vida (0 a 04 anos de idade).

Gráfico 10: Idade de aquisição/aprendizagem da Libras pelos participantes ouvintes

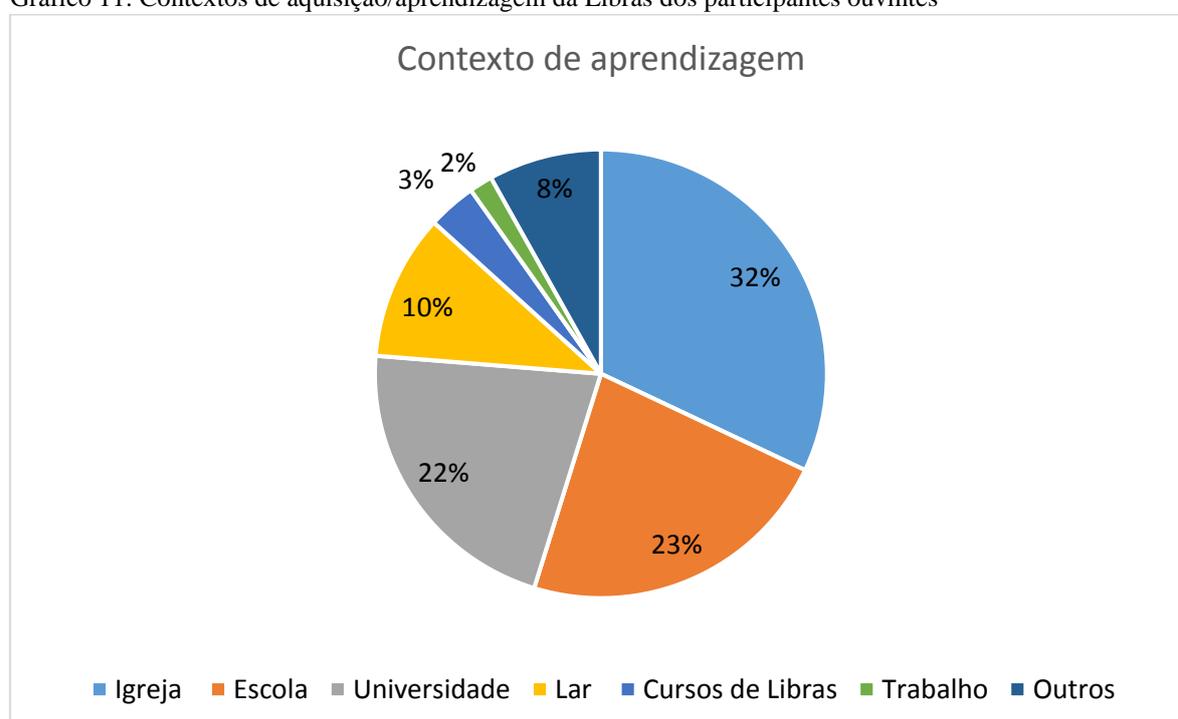


Fonte: Dados primários

O contexto de aprendizagem/aquisição dos usuários ouvintes revela os espaços onde a Língua Brasileira de Sinais se faz presente no cotidiano das pessoas e, assim, propicia o acesso e aprendizado dessa língua. Para 32% dos participantes da pesquisa, o contato com a língua de sinais ocorreu nas igrejas e isso ratifica os dados apresentados anteriormente, nos quais diferentes congregações religiosas – principalmente as evangélicas – aparecem como protagonistas na propagação da Libras, seja pela evangelização dos surdos ou dos ouvintes. Em segundo lugar, 23% dos ouvintes elegeram as escolas como o espaço de aprendizado da referida língua, o que pode indicar que essas pessoas são profissionais que atuam diretamente na educação de surdos, como professores ou sujeitos que tiveram contato com a Libras por meio de colegas surdos. Essa informação ratifica o papel da escola na difusão da língua de sinais e mostra que as políticas públicas estão alcançando resultados positivos nesse contexto, pois é o local onde a maioria dos surdos acessa a sua primeira língua e, conseqüentemente, mobiliza ouvintes (profissionais ou alunos) na busca pelo conhecimento da Língua Brasileira de Sinais. O terceiro contexto de aprendizagem mais citado pelos participantes foi a Universidade, onde 22% dos ouvintes tiveram contato com a língua de sinais pela primeira vez. Um dos motivos da presença dessa língua no espaço acadêmico é a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério e nos cursos de Fonoaudiologia e a oferta da Libras como disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e educação profissional. Além do mais, a crescente implementação dos

cursos de Letras Libras em várias regiões do país e o aumento de servidores surdos nas universidades pode ter impactado nesse resultado. O acesso à língua de sinais no contexto familiar ocorreu com 10% dos ouvintes que participaram do estudo e, em muitos desses casos, esses sujeitos são filhos de pais surdos – os chamados Codas – e adquirem desde a mais tenra idade a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, os chamados bilíngues bimodais por desenvolverem a aquisição de duas línguas de modalidades distintas – visual/espacial e oral/auditiva. Além dos ambientes mencionados, os ouvintes declararam ter aprendido a língua de sinais em cursos de Libras (3%), no trabalho (2%) e em outros contextos (8%).

Gráfico 11: Contextos de aquisição/aprendizagem da Libras dos participantes ouvintes



Fonte: Dados primários

Considerando que a aprendizagem da língua de sinais pela maioria dos sujeitos ouvintes ocorreu após os 19 anos de idade, é interessante conhecer os motivos que levaram essas pessoas a desenvolverem o conhecimento dessa língua. A maior parte dos ouvintes, 28% dos participantes, aprenderam a Língua Brasileira de Sinais em razão do aperfeiçoamento profissional. Em segundo lugar, 24% dos ouvintes tiveram outras motivações para aprender a língua de sinais, dentre elas: a necessidade de se comunicar com as pessoas surdas, por ter amigos surdos e a curiosidade. A religião destaca-se no que se refere ao aprendizado da língua de sinais e foi a motivação de 20% das pessoas ouvintes buscarem o conhecimento da Libras. Além disso, 16% dos participantes tiveram contato com essa língua por causa dos familiares surdos e 12% afirmaram que a motivação para o aprendizado ocorreu devido à disciplina de

Libras na graduação. É importante mencionar que a obrigatoriedade do ensino de Libras em alguns cursos (licenciatura e fonoaudiologia) e a sua oferta facultativa nos demais cursos surgiu a partir do Decreto nº5626/2005 e, apesar do pouco tempo, pode-se observar o impacto positivo na propagação da língua de sinais e sua influência na busca pelo aprendizado dessa língua.

4. Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo trazer alguns resultados do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, especialmente, os dados referentes aos Indicadores Sociolinguísticos dos usuários dessa língua. Sendo assim, foram apresentados os instrumentos utilizados para a coleta dos questionários a nível nacional e reflexões inerentes ao perfil dos falantes da Libras, bem como as especificidades referentes ao processo de aquisição e aprendizagem da língua de sinais.

O Inventário Nacional da Diversidade Linguística surgiu com o propósito de fortalecer as línguas brasileiras através da documentação e identificação dessas minorias linguísticas, dentre elas, a Língua Brasileira de Sinais. Nesse sentido, esse instrumento vai ao encontro das políticas linguísticas relacionadas à Libras e promove maior visibilidade aos usuários dessa língua e as características que a diferenciam de outros grupos minoritários.

Os achados desse estudo, mesmo sendo um recorte da realidade, mostram que a Libras se faz presente em todo o território brasileiro e é utilizada por surdos e ouvintes. Além disso, tais dados apontam as principais discrepâncias entre os dois grupos de usuários e ratificam a importância das principais conquistas da comunidade surda brasileira, como a Lei 10.436/2002 e o Decreto 5626/2005, os quais promoveram avanços na difusão da Língua Brasileira de Sinais, especialmente, entre os usuários ouvintes.

Ademais, os resultados aqui apresentados trazem à tona a questão da aquisição da linguagem pelas crianças surdas e mostram que apesar do crescimento de políticas linguísticas voltadas para o uso e disseminação da língua de sinais, o processo de desenvolvimento da língua por sujeitos surdos ainda não se encontra no que seria ideal, isto é, o acesso à Libras desde a mais tenra idade não é assegurado às crianças surdas brasileiras no ambiente familiar. Por outro lado, a escola aparece como o principal espaço de aquisição da língua de sinais e isso reforça a necessidade de profissionais qualificados no ambiente educacional para promover práticas significativas no uso dessa língua.

Por fim, essa pequena amostra dos dados coletados no Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais representa um pouco da realidade da língua de sinais no contexto nacional e nos permite vislumbrar os primeiros resultados das ações realizadas nas últimas décadas pelos pesquisadores e comunidade surda brasileira. Além do mais, trata-se de mais uma colaboração para a documentação da Libras, a qual deve ser construída e implementada em todo o território brasileiro.

Referências

ANATER, Gisele I. P.; PASSOS, Gabriele C. R. dos. **Tradutor e intérprete de língua de sinais: história, experiências e caminho de formação**. Cadernos de Tradução. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm> Acesso em: 18.ago.2018.

_____. **Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010**. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. Disponível em:

< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm> Acesso em: 17.ago.2018.

_____. **Decreto nº5626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº10.436/2002. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em: 20.ago. 2018.

_____. **Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em:

< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em: 17.ago.2018.

ISAAC, M.L.; MANFREDI, A.K.S. **Diagnóstico precoce da surdez na infância**. Medicina: Ribeirão Preto, 2005. p.235-244. Disponível em:

http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n3e4/2a_diagnostico_precoce_surdez_na_infancia.pdf
Acesso em: 20.ago.2018.

IPHAN, Brasil. **Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística** (vol 1). Brasília – DF, 2016.

MASUTTI, M.L.; SANTOS, S.A.S. Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção. In: QUADROS, R.M. (org). **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. p. 148-167.

QUADROS, R.M.; STUMPF, M.R. Letras Libras EaD. In: QUADROS, R.M. (org). **Letras Libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. p.9-35.

SIGOLO, C.; LACERDA, C. B. F. de. **Da suspeita à intervenção em surdez: caracterização deste processo na região de Campinas/SP.** J. Soc. Bras. Fonoaudiol. [online]. 2011, vol.23, n.1, pp.32-37.